

Sobre o que podemos não salvar¹

Lúcia Evangelista*

ILCML | CLEPUL

Resumo: Vale mesmo a pena salvar o mundo? E que mundo é este que urge salvar? Este ensaio debate-se com essas duas perguntas e busca elaborar o que a arte, especialmente a poesia, tem a ver com elas.

Palavras-chave: *Preferiria não*, delicadeza, resistência

Abstract: Is the world really worth saving? And what is this world that urges to be saved? This essay considers both these questions and seeks to reflect on how art, especially poetry, can articulate them.

Keywords: *I would prefer not to*, delicacy, resistance

O título deste ensaio não tem propriamente um tom eufórico em relação à ideia de salvação, tampouco é original. O título parte de um pequeno texto integrado ao livro de ensaios *Nudez*, de Giorgio Agamben, um texto justamente intitulado “Sobre o que podemos não fazer”. É um texto muito conciso, com pouco mais de duas páginas, mas que vai muito ao âmago do que é para este filósofo o problema estético-político do nosso tempo: a conversão de todo fazer humano para a esfera da *práxis*, isto é, para o âmbito daquilo que concerne à produção da vida material e à forma de trabalho.

Retomando, pois, o pensamento de Gilles Deleuze, para quem uma operação de poder consiste numa separação entre os sujeitos humanos e a sua *potência*, Giorgio Agamben defenderá a ideia de que “[h]á, no entanto, outra e mais dissimulada operação

de poder, que não age diretamente sobre aquilo que os homens podem fazer – sobre a sua potência – mas, sim, sobre a sua impotência, isto é, sobre o que não podem fazer, ou melhor, podem não fazer” (2014: 71). E desenvolve:

É sobre essa outra e mais obscura face da potência que hoje prefere agir o poder que se define ironicamente “democrático”. Este separa os homens não apenas e não tanto daquilo que podem fazer, mas, em primeiro lugar, e principalmente, daquilo que podem não fazer. Separado da sua impotência, privado da experiência do que pode não fazer, o homem moderno crê-se capaz de tudo e repete o seu jovial “não há problema” e o seu irresponsável “pode-se fazer”, exatamente quando deveria, ao contrário, dar-se conta de ser entregue em medida inaudita a forças e processos sobre os quais perdeu completamente o controle. Ele se tornou cego não às suas capacidades, mas às suas incapacidades, não ao que pode fazer, mas ao que não pode ou pode não fazer. (*idem*: 72)

Este tipo de cegueira é algo a que o pensador Ailton Krenak, com uma extrema lucidez, está continuamente nos chamando atenção. Krenak vive e pensa a partir da sua comunidade indígena e esfrega na cara da civilização a hipocrisia das soluções para problemas que esta mesma civilização criou.

A comunidade dos Krenak foi uma das diretamente atingidas pelo crime cometido pela Samarco, conglomerado internacional explorador de minério, do qual fazem parte a Vale e a inglesa BHP. Este grupo foi responsável pelo rompimento de uma barragem que permitiu que cerca de 50 milhões de metros cúbicos de resíduos tóxicos de mineração fossem lançados no Rio Doce e transportados por mais de 600 quilômetros até sua foz. Quando os engenheiros responsáveis pelas ações de recuperação do rio consultaram Krenak e pediram sua opinião acerca dos processos e da tecnologia utilizada, Ailton respondeu: “A minha sugestão é muito difícil de ser colocada em prática, pois teríamos de parar todas as atividades humanas que incidem sobre o corpo do rio, a cem quilômetros nas margens direita e esquerda, até que ele voltasse a ter vida”. A proposta de Krenak foi assim recebida pelos engenheiros: “Mas isso é impossível. O mundo não pode parar” (Krenak 2020: 44).

Mas que mundo é esse que não pode parar? Se consultarmos a página de web da Samarco teremos acesso a uma descrição de algumas das ações de “reparação” e “compensação” (as palavras são deles). Chegam mesmo a falar dos “aprendizados e experiências adquiridos, visando a um novo modelo de atuação”. Não leio nada que indique que os acionistas não terão mais a garantia de seus dividendos, não leio nada que mostre que esta empresa poderá ser expropriada pelo crime que cometeu. O que vejo é a Samarco rezar o *mea culpa*, fazer suas penitências de bilhões com a sua religião da tecnologia (e, ainda assim, fazer tal “penitência” só *para inglês ver*) seguindo, enfim, a ladainha corporativa de “sim, podemos”, “sim, é possível”.

Nada que possa ser meramente comparado ao que Krenak propõe. O que está aqui é uma outra mundividência: aquela que percebe o rio e as montanhas como vida e não como recurso. Em *A Vida Não É Útil*, ele assim nos diz:

Uma operação de resgate tem como intuito salvar o corpo que está sendo flagelado e levá-lo para um outro lugar, onde será restaurado. Quem sabe, depois de uma reabilitação, ele pode até seguir operante na vida. Isso partindo da ideia de que a vida é útil, mas a vida não tem utilidade nenhuma. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança, só que é uma dança cósmica, e a gente quer reduzi-la a uma coreografia ridícula e utilitária. [...] Por que insistimos em transformar a vida em uma coisa útil? Nós temos que ter coragem de ser radicalmente vivos, e não ficar barganhando a sobrevivência. (Krenak 2020: 60)

Então, para tentar responder às questões que são colocadas com os *Seminários da Salvação do Mundo*, eu tendo a ir ao encontro de palavras, gestos e ações que, por um lado, zombam da arrogância de manter este mundo funcionando a todo custo, de salvá-lo como ele é; e palavras, gestos e ações que, por outro lado, partilham a experiência do reconhecimento da nossa própria impotência, o reconhecimento daquilo que, na força da nossa fragilidade, *podemos não fazer*.

Zombar das fórmulas prontas da salvação | *Autocataclismos*

Alberto Pimenta é um dos autores de língua portuguesa que mais tem insistido em nos mostrar o quão patético é querer manter a máquina deste mundo funcionando, e o quanto esta máquina trabalha no sentido de nos colocar no lugar de sobreviventes. Não faltam mesmo na obra de Pimenta poemas que fazem o discurso do Ocidente enguiçar numa *pane* de redundância ou o levam ao máximo de sua demência operacional. Leio, por exemplo, em *De Nada*, livro de 2012:

o dia tem 24 horas

os canais de televisão
em conjunto
fazem delas perto de 100

a banca
para organizar
os seus assaltos súbitos
à bolsa
e vice-versa

trabalha
em conjunto ou em separado
mais de 300 horas por dia
que depois
podem render
mais de cem mil salários anuais
de cem mil trabalhadores

os cursos de balística
do exército e da polícia
ocupam entre todos eles
muitas centenas de horas
por dia
a treinar
a fatalidade e o erro científico

para derrotarem o adversário
em décimas de segundos
ou menos
os atletas treinam
sem trégua
milhares de horas por ano
durante vários anos de sua vida

o homem aproveita
engenhosamente
o tempo
e nos intervalos
produz os novos escravos
do novo tempo

os donos dele
sucedem-se

o tempo tem dono
e é hereditário
(Pimenta 2012: 83)

Nada mais próximo da “coreografia ridícula e utilitária” de que falava Krenak. No mesmo conjunto de ensaios, intitulado *A Vida Não É Útil*, Krenak chega mesmo a

afirmar que “nesse mundo pronto e triste eu não tenho nenhum interesse, por mim ele já podia ter acabado há muito tempo, não faço questão de adiar seu fim” (2020: 56-57).

Do fim *deste* mundo e da nossa insistência em querer salvá-lo, também nos tem falado Alberto Pimenta em diferentes momentos de sua obra, como bem nos dá a ver um ensaio de Pádua Fernandes (2021) para a revista *Flauta de Luz*, intitulado “Acabaram as possibilidades de fuga: Alberto Pimenta e o fim do mundo”. Neste ensaio, Pádua Fernandes propõe um percurso sobre a perspectivação do fim do mundo em algumas obras de Alberto Pimenta, acabando por se focar em um livro de 2018, *Pensar Depois no Caminho* – livro que é especialmente interessante para pensar a relação entre capitalismo e teologia.

Tal relação já se faz notar em *Autocataclismos*, livro que inclui setenta e um poemas, cada um com dois tercetos, um alinhado à esquerda, outro alinhado à direita, permitindo diferentes combinações de leitura, conforme as “instruções” do autor: “leitura independente do terceto da esquerda, leitura também independente do terceto da direita, e leitura encostando os dois tornando-os assim num só” (Pimenta 2014a: s/p). O jogo é proposto logo no título: no nome *Autocataclismos*, há um autoclismo e um cataclismo. Pimenta parece brincar com dois sentidos de escatologia – fim dos tempos e referência aos dejetos. E em ambos está uma ideia de técnica - de automação de um processo. Estamos aqui, pois, diante de um sentido de fim nada glorioso, ou dignificador, ou redentor:

4

a vida do homem	mesmo condenado à morte
no mundo	pode não ser só perda
pode resultar	há sempre órgãos em bom estado

Essa economia do fim pode ser articulada com aquilo que Agamben observa acerca de uma vocação escatológica da modernidade, responsável por conduzir o capitalismo a um «incessante girar em vão da máquina, que, numa espécie de desmedida paródia da *oikonomia* teológica, assumiu sobre si a herança de um governo providencial do mundo que, ao invés de salvá-lo, o conduz – fiel, nisso, à originária vocação escatológica da providência – à catástrofe» (2013: 50).

Avanço na leitura e encontro outro poema de *Autocataclismos*:

62

o universo vai nascendo	o homem não entende
como pedras que a serra cospe	metablástases
também crescem por si	a ciência não ajuda

Com o senso de humor e a ironia muito próprios, Alberto Pimenta não se cansa de *inter-romper*, na expressão de Maria Irene Ramalho (2002), a maquinaria discursiva da teleologia da religião capitalista que nos conduz incessantemente à catástrofe pelas suas promessas de salvação. Mas Alberto Pimenta é também um poeta que nos leva a uma concepção de tempo de um universo que vai nascendo e se refazendo, um tempo sem limites e não-individual. *Metablástase* é o processo em que pedras de diferentes formações se fundem, explicou-me Alberto Pimenta. Nesse processo há a evidência do que poderíamos chamar de uma sabedoria própria dos montes, das montanhas, de como agem no tempo.

Em um ensaio de *A Magia que Tira os Pecados do Mundo*, Alberto Pimenta escreve que na poesia “[a] questão resulta do que se faz com as palavras: usá-las como instrumento do tempo limitado (os problemas surgem então à medida que o tempo passa), ou ‘entretécê-las’ como fios do tempo sem limite. Duas razões: uma aparente e uma oculta” (1995: 239). A obra de Alberto Pimenta parece sempre jogar com essas duas razões ou essas duas concepções de tempo: um tempo primordial – de “um passado [que] se anima, é a semente primordial que germina cresce, define e morre – para de novo renascer”, como dizia Octavio Paz (1984: 28); e o tempo da “tradição moderna – em que o protagonista do “drama cósmico já não é o mundo, mas o homem” (*ibidem*). Seguindo ainda Octavio Paz, trata-se de associar um tempo infinito e impessoal (pagão) e um tempo finito e pessoal (cristão) (cf. *Idem*: 31).

Com isso quero sublinhar que, para além de zombar do vaivém de técnica devoradora de mundo, que se autodestrói, há um lado da poesia de Alberto Pimenta que nos convida à experiência de estar à mercê da nossa impotência. Um estar à mercê que nada tem a ver com conformismo ou cinismo, mas condiz com algo intrínseco à *resistência* – destacando nesta palavra a sua etimologia latina de “deter”, “manter parado”. Tal etimologia da palavra “resistir” é aliás algo que Alberto Pimenta opta por destacar na resposta ao inquérito sobre poesia e resistência levado a cabo pela rede *LyraCompoetics*: “Consultei o dicionário de latim, procurei *resisto/resistere* e achei como primeira entrada ‘parar e olhar para trás’” (Pimenta 2012a: s/p). *Resistir* é também, conforme explica o autor, “enfrentar” e “opor-se” (*Idem*). Já não é só desviar os olhos, é enfrentar o próprio caminho.

Entre parar e olhar para trás e ir contra um caminho já dado estará, pois, aquele intervalo no qual entra em jogo *o que podemos e o que podemos não fazer*. Para Agamben, “resistir”, em sua etimologia, trará justamente “[e]sse poder que retém e detém a potência no seu movimento em direção ao ato. Isto seria “a impotência, a potência-de-não”. Não por acaso, para o filósofo, “aquele que é separado do que pode fazer pode, porém, resistir ainda, pode ainda não fazer”, enquanto “[a]quele que é separado da sua impotência perde, ao contrário, principalmente, a capacidade de resistir” (Agamben 2018: 55).

É a resistência que podemos vislumbrar, por exemplo, por meio das palavras de

Marthya de Abdel Hamid segundo Alberto Pimenta (2005), livro no qual o autor faz ecoar a elegia do Iraque devastado por aqueles que, como diz o poema 30, “Dia a dia / Foram esquecendo / Os aromas da vida, / O halo das pedras, / O poder das árvores, / A graça das ervas / E o nome das estrelas” (2015: 59). Devastado por uma nação que, cito do poema 34, “Respeitosa de seus bens / E preocupada com a sua salvação, / Tem o culto do pó / E das cinzas” (2015: 64), e por homens que “[t]êm um coração / Que deve ser cego, / Por isso amparam-se / A uma espingarda, / Como os cegos / A uma bengala” (2015: 27). A cegueira da nação invasora não deixa de ser a cegueira de todo o Ocidente – “O homem não entende”, lembremos, o que dizia o poema de *Autocataclismos*. Diante desta cegueira da razão esclarecida – a cegueira diante da nossa impotência (cf. Agamben 2014) – a força do testemunho de *Marthya de Abdel Hamid segundo Alberto Pimenta* está em um olhar que nunca deixa de se relevar indefeso, mas também nunca deixa de exprimir uma potente e apaixonada compreensão das coisas: “É a palavra / Dum coração que vê” (*ibidem*). Um coração que vê e que deseja:

Se não me matarem
Nem
Me apanharem vivo,
Mantém-te alerta,
Mantém alerta
O desejo mais antigo
E o mais novo.

Vou passar
Do lado de fora
Da parede
Perfurada
Pelas balas:

Passa-me um lenço
De seda
Com o teu perfume

Marca-o com o segredo
Dos teus lábios
(Pimenta 2015: 62-63)

Preferiria não salvar | *Quando a delicadeza é uma afronta*

Talvez *responder* às questões que uma palavra como “salvação” nos coloca agora seja, a fim e ao cabo, sublinhar o que Donna Haraway (2022) destaca neste *responder* – acentuando o que na resposta tem o sentido de tomar responsabilidade, exprimir respeito, exercer cuidado, devolver o olhar. Talvez seja assumir, como Haraway propõe, uma extrema *mundanidade* nas questões que atravessam a fragilidade de espécies que coabitam um espaço e um tempo. E, nessa via, talvez uma outra forma, uma forma mais mundana, de falar de resistência ou deste *poder não fazer* – “este poder que retém e detém a potência no seu movimento em direção ao ato” de que fala Agamben (cf. Supra: 2018: 55) – talvez uma outra forma de designar isso seja através da palavra *delicadeza*. Será, inclusive, nesta palavra que Roland Barthes encontrará o ponto de convergência dos seminários que leciona e do tema *Como Viver Junto*: “Alcançaríamos, aqui, aquele valor que tento pouco a pouco definir sob o nome de ‘delicadeza’ (palavra um tanto provocadora no mundo atual). Delicadeza seria: distância e cuidado, ausência de peso na relação, e, entretanto, calor intenso dessa relação” (Barthes 2013: 260).

Indo ao encontro desta “palavra um tanto provocadora para o mundo atual” chego ao título de uma antologia da recente poesia brasileira: *Quando a Delicadeza É uma Afronta* (2019). Assim explica Tarso de Melo, o organizador, no texto de apresentação:

Quando a delicadeza é uma afronta: tenho andado com essa ideia na cabeça há algum tempo. Se, por um lado, aplaudo o vigor com que os poetas do nosso tempo têm reagido, sem rodeios, aos desafios e aos ataques que a democracia vem sofrendo neste país, por outro me anima muito perceber que, ao expor algumas “fragilidades” que, sob um olhar distraído, nada parecem dizer sobre a violência que nos cerca, se revela uma outra forma de resistência e de afronta a tudo que pretende soterrar nossa vontade de viver. (2019: ebook 8)

Na delicadeza, Roland Barthes afirmava estar o cerne de uma “distância que não quebr[a] o afeto” (2013: 260). Seria a delicadeza este espaço da diferença, da alteridade, que subjaz ao *viver junto*. E é sob a ideia de distância afetiva que gostaria de destacar dois poemas da antologia *Quando a Delicadeza É uma Afronta*. São poemas que trazem em seus títulos termos que remetem ao universo técnico-científico: um “manual”, uma “terapia”. Estes termos demarcam uma distância para em seguida assumirem a proposição de uma aproximação com um mundo partilhável. O primeiro, “Manual de coleta e identificação de insetos”, é de Carlos Augusto Lima. Não resisto de transcrevê-lo por completo:

O poeta Gary Snyder me convida para um café em sua cabana localizada em San Juan Ridge, ao pé das montanhas de Sierra Nevada. Alguns livros, poucos móveis, tapetes e almofadas espalhadas compõem a decoração que me sugere um pequeno mosteiro, uma

vontade de unidade com as coisas ao redor, uma tentativa de reparar a partição de tudo com a beleza e nossa tragédia. Meu inglês é ruim, mas falamos pouco, certamente a regra de todo poema, o que vem antes da linguagem há de ser pronunciado com eloquência. Arde sobre nós um incenso com cheiro doce. Arde sobre nós a fumaça do chaleiro que anuncia o café. Ele vem e estende uma xícara fumegante, vem blundering over the boulders at night, relembro com dificuldade esse verso. Gary sorri e corrige minha pronúncia. Nada mais. A luz cessante do fim de tarde recobre agora seus cabelos finos e prateados por trás, camisa de trabalho azul longa sobre a magreza de altura modesta e estável como um leve tronco. Sobretudo, no momento, uma fala de carvalhos, receitas de bolinhos chineses e a esperança de encontrar o grande Vazio que indicava o polegar de seu professor japonês. Gary sorri e aponta para fora da cabana a direção do horizonte dentado de montanhas entre verde e branco cume, lá é onde deve seguir a sua mente, lá é onde está a direção do poema (*apud* Melo 2019: ebook 232-245)

O título promete um “manual de coleta e identificação de insetos”, mas acabamos sem saber que insetos são esses para coletar e identificar. Na hipótese de a palavra “insetos” guardar a imagem metonímica de uma forma de vida frágil e pouco majestosa – com a qual poderíamos melhor perceber uma certa concepção de poesia aqui em causa –, ainda não é certo que esteja falando de poesia. Só obliquamente o texto é um “manual” do que poderá (ou não) vir a ser um poema – “falamos pouco, certamente a regra de todo poema, o que vem antes da linguagem há de ser pronunciado com eloquência”. Agora sendo um possível “manual”, é um manual que tende a apontar para fora do texto, para fora daquilo que foi escrito, e apontar sobretudo para a habitação da insuficiência do que foi dito e descrito. Seguidas umas às outras, as frases/ versos acabam por fazer apenas o retrato daquilo que falha ao ser dito. Apenas se nossas imagens se tornarem cúmplices do que essa falha grava somos capazes, enquanto leitores, de criar um em comum que possa ir para “onde está a direção do poema”.

E se o “manual” de Carlos Augusto Lima quase que esconde a forma poema, e nos leva a olhar para onde a palavra não está, no outro exemplo que destaco da antologia, vemos a escrita do poema coincidir com aquilo que sugere enquanto prática de vida. É sobre esta prática que Leonardo Froés nos propõe uma “Terapia dos brotos”, da qual transcrevo uma parte final:

A vida contém esterco,
fungos de melancolia,
gestos doidos que florescem
entre amor e antipatia.
Mas também contém os galhos
que abraçam quem se desfia
procurando uma razão
de dar o que pretendia.

Contém, é claro, essas greves
e a inflação sem garantia,
salários de manga curta
com brigas de algaravia.
Mas também contém os berros
do instante de quem procria
e, em se tratando de plantas,
é a imersão na afonia.
O silêncio, sua carga
de interior teimosia,
e a capacidade lenta
de entregar cada fatia.
A natureza é engraçada,
dá sem trégua e principia
a gerar tudo de novo,
avessa à monotonia.
Hoje mesmo ela desperta
de sua breve dormência
para dar à humanidade
uma sensual inocência.
Dá os seios da beterraba
no vão das línguas macias,
o achado de um chuchu murcho
que aponta melhores dias
e ainda o repolho e suas
múltiplas orelhas sadias.
Ouça pois esse conselho
de quem fez o que podia,
pegando na enxada para
dar corpo ao que não se via.
Aproveite bem a hora
e plante, por terapia,
ou para matar a fome,
entre os homens, de empatia.
(*apud* Melo 2019: ebook 643-644)

Em comum com o poema de Carlos Augusto Lima, há uma alegria em partilhar afinidades com diferentes formas de vida. E há o reconhecimento da grandeza do que *vive* e *acontece* para além do que teimamos em entender como o *mundo*. O que vislumbro nestes poemas é uma forma de a arte hoje responder à salvação que não

seja por via de um apelo a um resgate humanista, mas através de um manual das impossibilidades da nossa linguagem ou de uma terapêutica da linguagem de espécies companheiras. E nisso talvez venha a surgir uma resposta tão simples, complexa e afrontosa para a salvação quanto a que Krenak ofereceu aos engenheiros diante do rio assassinado: que a humanidade, por delicadeza, saiba se afastar um pouco. Talvez os gestos, as imagens e as palavras que nos tocam sejam esta distância, sejam esta experiência do tempo, espaço da diferença, que não quebra o afeto com o humano, mas sobretudo, continua a questionar o que este pode (e pode não) ser.

Notas

* Lúcia Evangelista é investigadora pós-doutoral do CLEPUL - Universidade de Lisboa no âmbito do Projecto UIDP/00077/2020. Tem doutorado em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto com a tese “Alberto Pimenta: poesia, performance, profanação”. Na mesma instituição conclui o mestrado com um estudo dedicado à obra de Adília Lopes. É membro do Grupo Intermedialidades do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e do Contemporary Poetry and Politics: Social Conflict and Poetic Dialogisms (POEPOLIT II).

¹ Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 - <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020>).

² O site Observatório da Mineração faz uma série de denúncias acerca do desenrolar do caso. Várias das ações de “reparação” prometidas estão completamente atrasadas. Além disso, há um esquema de fraude fiscal que tem feito com que o valor destinado às ações de recuperação seja reembolsado pelos acionistas. Ver: <https://observatoriodamineracao.com.br/desastre-de-mariana-completa-5-anos-impunidade-e-acordo-de-reparacao-em-xeque/>.

Bibliowebgrafia

- Agamben, Giorgio (2013), *O Que É O Contemporâneo e Outros Ensaios*, trad. Vinícius Nicastro Honesko, Chapecó, Argos.
- (2014), *Nudez*, trad. Davi Pessoa, Belo Horizonte, Autêntica Editora.
- (2018), *O Fogo e o Relato*, trad. Andrea Santurbano e Patricia Peterle, São Paulo, Boitempo.
- Barthes, Roland (2015), *Como Viver Junto - Simulações romanescas de alguns espaços cotidianos. Cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977*, texto apresentado por Claude Coste, trad. Leyla Perone-Moisés, São Paulo, Martins Fontes.
- Fernandes, Pádua (2021), “Acabaram as possibilidades de fuga: Alberto Pimenta e o fim do mundo”, *Flauta de Luz*, nº 8: 166-174.
- Haraway, Donna (2022), *Quando as Espécies se Encontram*, trad. Juliana Fausto, São Paulo, Ubu Editora.
- Melo, Tarso de (org.) (2019), *Quando a Delicadeza É uma Afronta. Revista Cult - Antologia Poética*, nº 2.